



## O NOVO PERFIL DE ESTUDANTES DO CURSO DE GEOGRAFIA DA USP: POLÍTICAS DE PERMANÊNCIA E CURRÍCULO<sup>1</sup>

Patrícia Paula da Silva <sup>2</sup>  
Eduardo Donizeti Giroto <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho visa identificar o novo perfil de estudantes do departamento de Geografia da Universidade de São Paulo - DG-USP – e evidenciar suas maiores demandas por políticas de permanência e suas implicações curriculares para o departamento. Para tanto, a nossa pesquisa se constrói a partir de levantamento bibliográfico sobre o tema, além da análise dos dados dos questionários socioeconômicos da FUVEST (Fundação Para o Vestibular), entre os anos 2001 e 2015, e dos resultados do formulário socioeconômico aplicado aos estudantes do DG-USP, em 2020. Nossos dados evidenciam que, acompanhando as mudanças ocorridas na USP como um todo, o DG-USP tem apresentado aumento do número de estudantes pretos, pardos e indígenas (PPI) oriundos de escolas públicas, com renda familiar de até 5 salários mínimos, cujos pais e mães apresentam menor grau de escolaridade. Assim como Giroto (2017), identificamos um perfil de estudantes-trabalhadores, bem como claras discrepâncias sócio econômicas entre os estudantes brancos e PPI. Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes, no ano de 2020, foram apontadas aquelas relacionadas à falta de tempo, linguagem acadêmica, ensino remoto devido à pandemia, questões psicológicas, excesso de tarefas acadêmicas e questões financeiras. A falta de tempo e as dificuldades com o ensino remoto se destacam especialmente entre as mulheres PPI; a linguagem acadêmica e as questões financeiras se evidenciam mais entre homens e mulheres PPI; as questões psicológicas se sobressaem entre as mulheres brancas; e o excesso de tarefas foi mais problematizado entre os homens brancos.

**Palavras-chave:** estudantes, permanência, currículo.

### ABSTRACT

The present work aims to identify the new profile of students of the Department of Geography of the University of São Paulo - DG-USP - to point out their greater demands regarding permanence policies and the curricular implications for the department resulting from it. Thus, our research relies on a bibliographic survey on the topic and the analysis of data from FUVEST's (Fundação Para o Vestibular) socioeconomic questionnaires between the years 2001 and 2015, and the results of the socioeconomic form applied to the students of the DG-USP, in 2020. The data shows that, in line with the changes that have occurred at USP on the whole, DG-USP has registered an increasing number of black, brown, and indigenous (PPI) students. They come from public schools, are part of families with incomes of up to 5 times the minimum wage, and their parents have lower levels of education. Like Giroto (2017), we identified a student-worker profile and an explicit socioeconomic discrepancy between white and IPP students. Among the main struggles students faced in 2020 are the ones associated with lack of time, academic language, remote teaching due to the Covid-19 pandemic, psychological issues, overload of academic assignments, and financial issues. Lack of time and hardships related to distance learning stand out among IPP women, academic language and financial constraints are more evident among IPP men and women, psychological issues are prominent among white women, and overload was problematized more often among white men.

**Keywords:** estudantes, permanence, curriculum.

<sup>1</sup> Esse artigo compõe parte dos resultados da pesquisa de doutorado fomentada pela bolsa CAPES.

<sup>2</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Geografia Humana na Universidade de São Paulo – PPGH-USP, [patricia.pasi@usp.br](mailto:patricia.pasi@usp.br);

<sup>3</sup> Professor Doutor do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, DG-USP, [egiroto@usp.br](mailto:egiroto@usp.br).



## INTRODUÇÃO

Williams (2011) considera que, para entender “uma cultura efetiva e dominante” é necessário compreender “o processo social real do qual ela depende”, isto é, o “processo de incorporação” (WILLIAMS, 2011, p.53) social dos valores, crenças, práticas e ações que compõem a experiência vivida.

Os modos de incorporação se dão via instituições sociais e, para Williams (2011), as instituições educacionais representam papel central na “transmissão de uma cultura dominante eficaz”, principalmente na atualidade, pois desempenham “uma atividade tanto econômica quanto cultural prioritária; na verdade, são ambas ao mesmo tempo” (WILLIAMS, 2011, p.53).

No plano filosófico, as instituições educacionais são responsáveis por estabelecer o que o autor chama de “tradição seletiva”, ou seja, o acesso ao conhecimento se dá mediante a seleção de certos conteúdos que reforçam determinadas “visões [e versões] de mundo”, “enquanto outros significados e práticas são negligenciados e excluídos”. Esses conteúdos selecionados são assumidos como sendo “a tradição”, isto é, a verdadeira versão dos fatos. (WILLIAMS, 2011, p.53).

Desse modo, a “tradição seletiva” orienta quais serão os conhecimentos a serem transmitidos nas instituições educacionais segundo os valores e interesses da classe dominante. Para Apple (1982) esses interesses estão presentes tanto no “currículo manifesto” - referente aos conteúdos que compõem o conjunto de conhecimentos científicos incluídos como legítimos; quanto diluídos no “currículo oculto” que – mediante a organização dos conteúdos, os critérios de avaliação, os parâmetros de sucesso e êxito, o uso de determinados materiais didáticos, a disposição das salas de aulas, os modelos técnico-positivistas utilizados para lecionar etc. – serve para distribuir “normas, valores e tendências” e “se realiza simplesmente pelo fato de os alunos viverem as expectativas e rotinas institucionais das escolas dia após dia durante anos.” (APPLE, 1982, p.27).

Ainda que, na maioria das vezes, regido pelos interesses hegemônicos, o currículo é um espaço dinâmico construído mediante disputas entre os diversos setores da sociedade. Nele se manifestam relações de poder, resistências, contradições e divergências sociais. Sua importância reside justamente no fato de que, como destaca Silva (2011), ao mesmo tempo que os sujeitos constroem os currículos, estes têm a potência de construir diferentes projetos de sociedade, ou seja, o currículo é capaz de construir sujeitos sociais submetidos ou não aos interesses hegemônicos.



Tendo no horizonte essa importância estratégica do currículo como espaço possível para a construção de projetos de sociedade é que nos propomos, neste artigo, a refletir sobre as alterações do perfil de estudantes que ingressam no Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo (DG-USP) e as suas implicações didático-pedagógicas para o departamento.

Desde 2016, com a adesão à reserva de vagas do Sistema de Seleção Unificada (SISU), a USP tem recebido maior número de estudantes pretos, pardos e indígenas (PPI), com renda familiar de até 5 salários mínimos e oriundos de escolas públicas.

Piotto e Nogueira (2016) nos ajudam a compreender o longo caminho percorrido pela USP para passar das políticas de bonificação de ingresso, pelo vestibular da Fundação para o Vestibular (FUVEST), de estudantes oriundos de escolas públicas à adesão ao sistema de reserva de vagas; diversas informações publicadas em diferentes jornais mostram tanto a mudança de perfil dos ingressantes, quanto a ampliação das políticas de auxílio permanência ofertados pela universidade.

Tendo em vista esse contexto, refletimos, com Zago (2006), sobre a importância de políticas de permanência que vão além dos aspectos financeiros e que possam também considerar elementos como o êxito acadêmico e o sentimento de pertencimento ao espaço e ao grupo universitário. Apresentamos uma série de relatos de docentes da USP<sup>4</sup> que nos ajudam a evidenciar que o novo perfil de estudantes incorpora no seio universitário novas experiências, vivências e discussões oriundas da desigualdade e opressão social.

Nessa perspectiva, com Arroyo (2011), Apple (1982) e Silva (2011) construímos o debate sobre currículo como espaço dinâmico de disputa, onde se manifestam narrativas e representações dos sujeitos sociais imbricadas em relações de poder capazes de favorecer interesses hegemônicos e/ou contra hegemônicos.

Na seção destinada aos resultados do trabalho identificamos a chegada desse novo perfil de estudantes no DG-USP mediante análise e sistematização de dados dos questionários socioeconômicos da FUVEST, entre os anos 2001 e 2015, e dos resultados do formulário socioeconômico aplicado, por nós, aos estudantes do DG-USP, em 2020. Em seguida, analisamos as principais dificuldades acadêmicas apontadas pelos estudantes que responderam o formulário.

---

<sup>4</sup> Publicado no jornal Folha de São Paulo.



Encaminhamos nossa reflexão para pensar como o DG-USP tem recebido esse novo perfil de estudantes; suas vivências, experiências e dificuldades estão sendo consideradas pelo corpo docente? O currículo do curso de Geografia tem promovido a inclusão ou a exclusão desses estudantes mais pobres, etnicamente mais diversos e menos íntimos do espaço acadêmico?

E por fim, em nossas conclusões, reiteramos nossos resultados os quais evidenciam que, acompanhando as mudanças ocorridas na USP como um todo, o DG-USP tem apresentado aumento do número de estudantes pretos, pardos e indígenas oriundos de escolas públicas, com renda familiar de até 5 salários mínimos, cujos pais e mães apresentam menor grau de escolaridade. Assim como Girotto (2017), identificamos um perfil de estudantes-trabalhadores, bem como claras discrepâncias entre os estudantes brancos e PPI. Os estudantes PPI representavam a maior porcentagem dos estudantes oriundos de escolas públicas, com renda até 1 salário mínimo e pais e mães com ensino médio completo. Enquanto que os estudantes brancos são maioria entre os que cursaram todo o ensino médio em escolas privadas e aqueles com renda familiar acima de 15 salários mínimos e pais e mães com ensino superior. Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes, no ano de 2020, foram apontadas aquelas relacionadas à falta de tempo, linguagem acadêmica, ensino remoto devido à pandemia, questões psicológicas, excesso de tarefas acadêmicas e questões financeiras.

E, por fim, apontamos a necessidade de haver maior número de pesquisas que aprofundem os estudos sobre o novo perfil de estudantes no DG-USP e suas implicações didático-pedagógicas.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi construído a partir de levantamento bibliográfico sobre o tema, além da análise dos dados dos questionários socioeconômicos<sup>5</sup> da FUVEST (Fundação Para o Vestibular), entre os anos 2001 e 2015, e dos resultados do formulário socioeconômico aplicado aos estudantes do DG-USP, em 2020.

A fim de compreendermos o processo de mudança no perfil dos estudantes de Geografia da USP compilamos dados dos questionários socioeconômicos da FUVEST, entre os anos de 2001 e 2015, referentes às seguintes informações dos estudantes: sexo, cor, tipo de escola que estudou no ensino médio, renda e grau de instrução do pai e da mãe. Não compilamos os dados

---

<sup>5</sup> Disponíveis no site da FUVEST: <https://acervo.fuvest.br/fuvest/>



após o ano de 2015 pois a USP aderiu ao SISU e, desse modo, os questionários socioeconômicos da FUVEST não contemplavam mais a totalidade de estudantes que ingressavam no curso de Geografia. Ao mesmo tempo em que, quanto aos estudantes que ingressavam pelo SISU, não dispúnhamos das mesmas informações contidas nos questionários socioeconômicos da FUVEST, portanto não seria possível fazer uma aproximação dos dados.

Para analisarmos o atual perfil de estudantes do DG-USP, no ano de 2020, aplicamos um questionário socioeconômico aos estudantes do departamento. O questionário foi elaborado no *googleforms*, divulgado pelos *emails* dos estudantes e, depois de um mês disponível, obtivemos 348 respostas de um total de 984 matriculados no primeiro semestre de 2019<sup>6</sup>, o que confere uma taxa de 95% de confiança da amostra, com margem de erro de 2%. Mantivemos as mesmas informações demandadas pelos questionários da FUVEST, a fim de fazermos comparações, e acrescentamos outras que serviam ao interesse da nossa pesquisa, tal como a principal dificuldade enfrentada no curso até então (respondida de forma dissertativa).

## REFERENCIAL TEÓRICO

Piotto e Nogueira (2016) apontam que desde 1995 a Universidade de São Paulo (USP) tem discutido a importância da ampliação do número de negros entre seus estudantes. No entanto, apenas no vestibular de 2007, os candidatos que cursaram integralmente o ensino médio nas redes públicas de ensino passaram a receber acréscimo de 3% na nota final (em cada uma das duas fases do vestibular). Em 2008, foram consideradas também as notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e do Programa de Avaliação Seriada da USP (Pasusp), elevando o acréscimo em até 12%. (PIOTTO; NOGUEIRA, 2016).

Desse modo, se em 2006 os estudantes de escolas públicas representavam 24,7% do total de matriculados, em 2009, passaram a representar 29,3%. (PIOTTO; NOGUEIRA, 2016). Enquanto que, segundo os dados dos questionários socioeconômicos da FUVEST, o número de estudantes PPI no total das carreiras da USP subiu míseros 1,7% - de 12,7% em 2006 para 14,4% em 2009.

Em 2012, foi promulgada a Lei nº 12.711, garantindo a reserva de 50% das vagas nas universidades e institutos federais para estudantes oriundos da rede pública de ensino, dentre eles, as vagas destinadas para estudantes PPI deveria ser proporcional à participação dessa

---

<sup>6</sup> Anuário Estatístico USP 2020. Disponível em: [https://uspdigital.usp.br/anuario/br/acervo/AnuarioUSP\\_2020.pdf](https://uspdigital.usp.br/anuario/br/acervo/AnuarioUSP_2020.pdf). Acesso em: 05 de novembro de 2021.



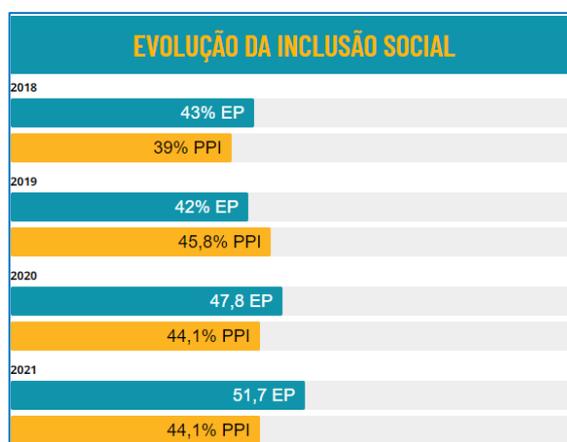
população no total da população de cada estado da federação<sup>7</sup>. Nesse mesmo ano, o Ministério da Educação (MEC) criou o Sistema de Seleção Unificada (Sisu), no qual as instituições públicas de ensino superior oferecem vagas nos seus cursos de graduação para candidatos participantes do Enem, realizado anualmente pelo MEC.

Nesse contexto, a USP adicionou um bônus de 5% aos candidatos de escolas públicas, autodeclarados negros e indígenas. Portanto, apenas 17 anos depois do início dos debates sobre a inserção de estudantes negros nessa universidade. Como ressalta o título da matéria do site *Agência Brasil*: “Pioneira no debate, USP é a última das grandes universidades a adotar cota racial”.

Tendo fracassado as políticas de bonificação, em 2015 o Conselho Universitário da USP aprovou a adesão da universidade ao sistema SISU para o vestibular com ingresso em 2016, porém apenas em caráter experimental. A decisão foi vista como “Um fato histórico”, nas palavras do Jornal da USP “já que, desde 1976, o ingresso nos cursos de graduação da USP dependia exclusivamente de seleção realizada pela Fuvest.” (JORNAL DA USP). Para o vestibular de 2016 foram destinadas 1.489 vagas para o SISU, isto é 13,5% do total.

Em 2017, o Conselho Universitário aprovou a adesão progressiva ao sistema de cotas visando atingir 50% das vagas em 2021, o que de fato ocorreu, como ressalta o título da reportagem do site da UOL: “Em mudança histórica, a maioria dos ingressantes na USP é de escola pública”; 51,7% do total das vagas foram ocupadas por estudantes de escolas públicas e, dentre eles, 44,1% são estudantes autodeclarados PPI. Em relação ao número total dos estudantes que ingressaram na universidade em 2021, independente da modalidade de concorrência, 27,4% se autodeclararam PPI. (PORTAL USP SÃO CARLOS). A evolução da entrada de estudantes cotistas na USP pode ser observada na figura 1 abaixo.

**Figura 1: Evolução do ingresso de estudantes cotistas na USP.**



<sup>7</sup> No caso de São Paulo 37,5%, segundo dados do IBGE de 2010 (SEADE).



**Fonte:** <https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/>

Segundo o Jornal da USP, também houve mudança no perfil socioeconômico desses estudantes. Em 2019, 47,5% dos ingressantes declararam renda familiar bruta entre um e cinco salários mínimos e 52,5% acima dos cinco salários mínimos; em 2021, esses índices alcançam, respectivamente, 49,4% e 50,6%.

Ainda que, de 2020 para 2021 tenha havido ligeiro aumento entre os calouros com renda familiar bruta de até um salário mínimo - respectivamente de 2,9% para 4,6% (JORNAL DA USP), considerando os extremos dos valores de renda, a figura 2 abaixo nos revela que os estudantes com renda familiar até 1 salário mínimo são significativamente menos contemplados que aqueles com renda familiar acima de 15 salários mínimos.

**Figura 2: Perfil socioeconômico dos estudantes ingressantes na USP em 2021.**

PERFIL SOCIOECONÔMICO	
Renda Familiar	%
Até 1 SM	4,6%
Acima de 1 até 2 SM	12,1%
Acima de 2 até 3 SM	13,0%
Acima de 3 até 5 SM	19,7%
Acima de 5 até 7 SM	13,4%
Acima de 7 até 10 SM	12,1%
Acima de 10 até 15 SM	10,2%
Acima de 15 até 50 SM	14,9%

**Fonte:** <https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/>

A entrada de maior número de estudantes de baixa renda demanda maior robustez das políticas de permanência estudantil da universidade. Segundo o Jornal da USP, em 2021, “foram destinados recursos de mais de R\$ 250 milhões, 6,7% a mais do que no ano passado, oriundos do orçamento da Universidade, para o programa de bolsas e auxílios concedidos com base em critérios socioeconômicos”.

O Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil (PAPFE) concedeu, em 2021, “23.814 benefícios a 12.035 estudantes de graduação – veteranos e calouros – com necessidades socioeconômicas.” (JORNAL DA USP). O PAPFE é coordenado pela Superintendência de Assistência Social (SAS), que afirmou que 100% dos estudantes com perfil prioridade 1 (P1) que se inscreveram no programa foram contemplados. O auxílio-alimentação



e o auxílio-moradia foram os dois benefícios mais concedidos, como pode ser observado na figura 3 abaixo.

**Figura 3: Benefícios concedidos aos estudantes com necessidades socioeconômicas em 2021.**

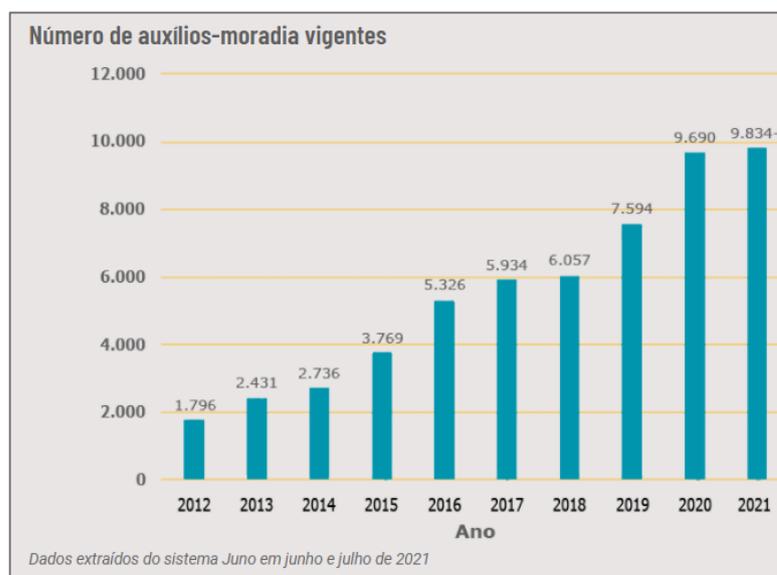
Número de benefícios concedidos em 2021						
APOIO MORADIA	AUXÍLIO ALIMENTAÇÃO	AUXÍLIO MORADIA	AUXÍLIO TRANSPORTE	AUXÍLIO MANUTENÇÃO	AUXÍLIO LIVROS	TOTAL ALUNOS
1.574	10.235	9.834	329	1.303	539	12.035+

Dados extraídos do sistema Juno em junho e julho de 2021

**Fonte:** <https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/>

Na figura 4 abaixo é possível observar que, desde 2012, houve incremento no número de auxílios-moradia concedidos pela universidade.

**Figura 4: Evolução do número de auxílios-moradia de 2012 a 2021.**



**Fonte:** <https://jornal.usp.br/institucional/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas/>

Apesar do avanço das políticas de permanência estudantil na USP, o grande desafio dos estudantes que dependem desses auxílios é, por exemplo, quando recebem “apoio moradia” - isto é, uma vaga no Conjunto Residencial da USP (CRUSP) - ter que lidar com os constantes problemas referente à infraestrutura do local devido à falta de manutenção<sup>8</sup>. Por outro lado,

<sup>8</sup> Em notícia do dia 20 de maio de 2021, o *Jornal do Campus* denunciou as dificuldades de permanência dos estudantes da Escola de Artes e Ciências Humanas (EACH-USP) – conhecida como USP-Leste - sob o título “Os estudantes da USP tem fome”. No dia 28 de Maio de 2021, o site da *Adusp* (Associação dos Docentes da USP) ressalta: “Descaso da Reitoria com assistência estudantil é destaque em reportagem da TV Globo”.



quando recebem “auxílio-moradia”, o grande desafio é, considerando os preços elevados da cidade de São Paulo, fazer com que o valor recebido<sup>9</sup> cubra todos os gastos de moradia, alimentação, transporte, materiais de estudos.

Ademais, a permanência estudantil não depende apenas de suporte financeiro aos estudantes, como destaca Zago (2006), também está relacionada ao êxito desses estudantes nas disciplinas do curso e no sentimento de pertencimento àquele espaço e àquele grupo. Em muitos casos, devido ao passado escolar com ensino defasado dos estudantes cotistas, existe grandes dificuldades em acompanhar às demandas do curso, seja pela elevada carga de leitura e escrita tendo que ser conciliada com o trabalho, seja pela exigência de leituras em outros idiomas<sup>10</sup>.

Além disso, o atual perfil de ingressantes não se caracteriza apenas por sua classe social ou cor da pele, mas também por inserir no seio da universidade vivências e experiências diferentes do tradicional perfil estudantil da USP. São estudantes oriundos das periferias que, muitas vezes, precisam conciliar trabalho e estudos; que demoram duas ou três horas para atravessar a cidade e chegar à universidade (GIROTTI, 2017); que trazem em seus corpos as marcas da violência policial aliada ao machismo e ao racismo.

Na próxima seção deste texto, apresentamos os dados relativos ao perfil socioeconômico e racial dos estudantes do DG-USP e discutimos acerca das possíveis implicações curriculares que a chegada destes novos estudantes poderia trazer para a organização didático-pedagógica do curso de Geografia da USP.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acompanhando as mudanças no perfil de estudantes da USP, o curso de Geografia também vem demonstrando transformações nos últimos 20 anos. Compilando os dados dos questionários socioeconômicos da FUVEST pudemos observar que entre 2001 e 2015 – quando a universidade ainda não ofertava reserva de vagas - o número de estudantes que cursaram todo o ensino médio em escola pública e os autodeclarados PPI crescia timidamente: respectivamente, de 39,2% em 2001 para 49,7% em 2015; e de 12,3% para 18,7%. É importante

---

<sup>9</sup> Em maio de 2021 as bolsas e auxílios para estudantes com dificuldades socioeconômicos foram reajustadas para o valor de R\$ 500 reais. Mais informações em: <https://jornal.usp.br/institucional/reitoria-reajusta-em-25-valor-das-bolsas-e-auxilios-a-estudantes-com-necessidades-socioeconomicas/#:~:text=A%20Reitoria%20divulgou%20hoje%2C%20dia,400%20para%20R%24%20500%20mensais.>

<sup>10</sup> Respostas dos estudantes ao formulário aplicado em 2020.



destacar que, individualmente, o grupo que praticamente não teve variação foi o de *Indígena*, chegando a se matricular, no máximo, duas pessoas ao longo do período estudado (1,2%).

O curso de Geografia da USP, desde 2001, apresenta predomínio de estudantes do sexo masculino, apresentando discreta alteração em favor do sexo feminino até o ano de 2015: de 30,8% para 35,1%.

Quanto à renda familiar dos estudantes, entre os anos de 2001 e 2015 houve aumento do número de estudantes que apresentavam renda familiar de até 5 salários mínimos (ou até R\$1500 reais<sup>11</sup>), de 32,5% para 49,1%, e diminuição daqueles que declaravam renda acima de 14 salários mínimos (ou acima de R\$5000 reais), de 21% para 8,7%.

Também ocorreram alterações no que se refere ao grau de instrução dos pais e das mães dos estudantes: se em 2001 a maior parte deles e delas apresentava ensino superior - respectivamente 41,6% e 37,3% - em 2015 esse índice foi se deslocando para o ensino médio, representando a maior parte das mães dos estudantes, 33,9% contra 33,3% com curso superior, e 27,5% dos pais com ensino médio contra 31% com curso superior.

Girotto (2017) investigou o perfil socioeconômico dos estudantes de Geografia da USP, mediante questionários aplicados à 290 estudantes, evidenciando as marcas das diferenças de cor e renda entre os estudantes.

Do total dos estudantes que responderam à pesquisa, 67% deles declararam que trabalhavam, sendo que dentre os *brancos* o índice era o mesmo, 67%, mas entre os *pretos* esse índice subia para 76%; 30% dos *brancos* declararam ter renda entre 1 e 3 salários mínimos; entre os *pretos* esse índice sobe para 68%, sendo que 1% dos *brancos* tinham renda inferior a 1 salário mínimo e entre os *pretos* esse índice sobe substancialmente, se comparado aos brancos, para 11%; 54% dos *brancos* tinham realizado o ensino médio em escolas públicas, contra 86% dos *pretos*. (GIROTTO, 2017).

Quanto ao local de residência, 71% dos estudantes declararam que residiam no município de São Paulo, 21% na Região Metropolitana de São Paulo e, apenas, 8% no interior. Mais da metade dos estudantes gastavam mais de uma hora no percurso entre universidade e moradia, sendo que 11% deles dependiam de mais de duas horas. Sessenta e oito por cento dos estudantes assistiam as aulas no período noturno<sup>12</sup> e, dado que, demoravam muito tempo para se deslocarem da universidade até suas residências, precisavam sair mais cedo das aulas para conseguirem chegar em casa. (GIROTTO, 2017).

---

<sup>11</sup> Até o ano de 2007 a FUVEST fazia o levantamento da renda familiar dos estudantes em reais; a partir de 2008 esse dado passa a ser informado em salários mínimos.

<sup>12</sup> Tendo em vista que, 67% deles trabalhavam.



Desses resultados, Giroto (2017) identifica um perfil de *estudante-trabalhador* no DG-USP, que implica em chegar cansado nas aulas, pela jornada de trabalho, além do deslocamento moradia-trabalho-universidade, e ter menos tempo para estudar e aproveitar as diversas atividades extracurriculares oferecidas pela universidade. O autor destaca que, essa rotina precisa ser melhor problematizada e levada em consideração nas discussões sobre a estrutura curricular do curso, assim como no momento do planejamento e desenvolvimento das práticas didático-pedagógicas realizadas por docentes e discentes com vistas a possibilitar, diante desta situação socioeconômica, melhores condições de apropriação dos conteúdos teórico-metodológicos desenvolvidos durante o processo formativo.

Em 2020 aplicamos questionário semelhante, obtendo 348 respondentes no DG-USP. Para realizar a análise dos resultados decidimos classificar as respostas dos estudantes por cor e sexo, conforme a tabela 1 abaixo.

<b>Tabela1: Porcentagem de estudantes do DG-USP por sexo e cor em 2020</b>	
	<b>N: 348</b>
<b>Homens Brancos</b>	31,0%
<b>Mulheres Brancas</b>	34,1%
<b>Homens PPI</b>	14,4%
<b>Mulheres PPI</b>	19,2%
*3H e 2M não declarados	

A maior parte dos respondentes eram homens e mulheres brancas, respectivamente, 31% e 34,1%. Corroborando com os resultados encontrados por Giroto (2017), a maior parte dos estudantes brancos cursaram todo o ensino médio em escola privada: 55% dos homens e 39,3% das mulheres; enquanto que, entre os estudantes PPI 96,1% dos homens estudaram todo o ensino médio em escola pública e 81,8% das mulheres, como pode ser observado na tabela 2 abaixo.

<b>Tabela 2: Tipo de escola no Ensino Médio – estudantes do DG-USP/2020</b>		
	<b>Todo em Escola Pública (N: 175)</b>	<b>Todo em Escola Privada (N:119)</b>
Homens Brancos (N: 109)	32,1%	55,0%
Mulheres Brancas (N:117)	37,6%	39,3%
Homens PPI (N: 51)	96,1%	11,8%
Mulheres PPI (N: 66)	81,8%	7,6%



Comparando as rendas mais baixas e mais elevadas dos estudantes fica evidente, na tabela 3 abaixo, a prevalência de estudantes PPI com até 1 salário mínimo e de estudantes brancos com mais de 15 salários mínimos.

<b>Tabela 3: Renda dos estudantes do DG-USP em 2020</b>		
	<b>Até 1 SM (N: 21)</b>	<b>Acima de 15 SM (N: 22)</b>
Homens Brancos (N: 109)	0,9%	8,3%
Mulheres Brancas (N:117)	3,4%	10,3%
Homens PPI (N: 51)	17,6%	2,0%
Mulheres PPI (N: 66)	9,1%	0,0%

A porcentagem dos estudantes que trabalhavam, no ano de 2020, ficou bem distribuída entre os sexos e a cor: 61,5% dos homens brancos, 59% das mulheres brancas, 58,8% dos homens PPI e 60,6% das mulheres PPI. Com destaque para os homens PPI que representam quase 50% dos estudantes que desempenham trabalho informal.

Como pode ser observado na tabela 4 abaixo, mais que o dobro dos estudantes brancos declarou ter pais e mães com ensino superior completo: 50% das mães dos estudantes homens e mulheres brancas e 44% dos pais, contra 14% das mães dos estudantes homens PPI e 24% das mulheres PPI, e 18% e 15%, respectivamente, dos pais.

<b>Tabela 4: Mães e pais dos estudantes do DG-USP com ensino superior completo em 2020</b>		
	<b>Mães com Ensino Superior Comp. (N: 142)</b>	<b>Pais com Ensino Superior Comp. (N:120)</b>
Homens Brancos (N: 109)	50%	44%
Mulheres Brancas (N:117)	50%	44%
Homens PPI (N: 51)	14%	18%
Mulheres PPI (N: 66)	24%	15%

Os estudantes do DG-USP declararam que, em 2020, as suas principais dificuldades no curso eram a falta de tempo – relacionada, principalmente, ao fato de terem que conciliar trabalho e estudo, ao deslocamento/distância entre casa-trabalho-universidade e ao excesso de tarefas acadêmicas - e a linguagem acadêmica (tabela 5). O relato a seguir demonstra a problemática da falta de tempo relacionada ao deslocamento evidenciada na resposta de um dos estudantes sobre suas principais dificuldades enfrentadas no curso:



O transporte, pois, por demorar muito tempo pra me locomover e depender de tantos transportes (ônibus, circular, metrô, cptm) acabo me atrasando mesmo saindo "cedo" de casa e demoro muito pra voltar também. O fato de eu demorar tanto nos transporte corta o tempo que eu poderia estar em casa para lazer ou estudar além de não permitir que eu consiga algum trabalho para ajudar na renda de casa. Isso atrapalha o meu rendimento dentro do curso pelo stress de chegar até a sala, que geralmente chego cansado e atrapalha em poder ir para a USP para algum evento ou até mesmo para estudar ou fazer trabalhos fora do horário de aula. (HB).

Conforme a tabela 5 abaixo, a falta de tempo despontou de forma preponderante entre as mulheres PPI, 53%, especialmente relacionada ao trabalho e ao deslocamento; como relatado por uma estudante “Distância da minha casa até a faculdade, conciliar trabalho e estudo, não conseguir ler o material e nem participar de iniciação científica, que seria importante ao meu currículo.” (MPPI). A dificuldade em participar de atividades extraclasse devido ao fato de ter que trabalhar aparece também em outro relato: “Conciliar a rotina de trabalho e estudo. Carga de leitura, dinâmicas de aula, horários de aula do diurno e eventos incossistentes (sic) com a realidade de quem exerce qualquer atividade remunerada fora da Universidade.” (HB).

	HB (N: 109)	MB (N: 117)	HPPI (N: 51)	MPPI (N: 66)
Falta de tempo (N: 151)	42,2%	41,0%	43,1%	53,0%
Linguagem acadêmica (N: 105)	19,3%	31,6%	43,1%	37,9%
EAD (N:50)	16,5%	11,1%	11,8%	19,7%
Questões psicológicas (N: 47)	11,9%	16,2%	13,7%	12,1%
Excesso de tarefas (N: 44)	15,6%	11,1%	7,8%	15,2%
Questões financeiras (N: 33)	9,2%	6,0%	13,7%	13,6%

É importante destacar que os homens e mulheres PPI declararam maiores dificuldades com a linguagem acadêmica – 43,1% dos HPPI e 37,9% das MPPI, contra 19,3% dos HB e 31,6% das MB. A falta de tempo associada às dificuldades acadêmicas podem ser observadas no seguinte relato “Tempo disponível para adequar as leituras e prazos das disciplinas com minhas horas de trabalho e a compreensão de todo um universo acadêmico de termos e textos complicados no início da graduação (hoje em dia me viro, mas ainda é difícil).” (MPPI).

Estudantes homens e mulheres brancas e mulheres PPI destacaram que as dificuldades com a linguagem acadêmica estão mais relacionadas à leitura e à escrita acadêmica; já os homens PPI declararam dificuldades relativas à falta de conhecimento prévio do conteúdo geográfico, como pode ser observado nos seguintes relatos: “Dificuldade em acompanhar as



leituras obrigatórias para as aulas, visto que no ensino médio numa escola pública não dá a menor estrutura para o estudante que ingressa numa universidade pública.” (HPPI); “Leituras muito complexas, assuntos não vistos no ensino médio, dificuldade na escrita” (HPPI).

O ano de 2020 certamente foi um ano atípico devido a pandemia do Covid-19 e esse fato aparece consideravelmente nas respostas dos estudantes, especialmente entre as mulheres PPI (19,7%). Como mostra a tabela 5, a terceira maior dificuldade relatada entre os estudantes, nesse ano, foi a Educação à Distância – EAD, principalmente, relacionada à dificuldade de concentração nas aulas on line e a falta de equipamentos adequados, como declara as estudantes: “A falta de dinheiro, de instrumentos para participar da aula, pois o computador que a faculdade emprestou parou de funcionar a quase 3 semanas e desde então não tive um retorno. O EAD tem dificultado mais ainda a vida do aluno pobre.” (MPPI); “no começo da pandemia eu não tinha internet e nem computador, fiquei hospitalizada, minha mãe teve covid e eu tinha que cuidar da minha avó o dia todo pra ela não sair, então reprovei em quase todas as matérias.” (MPPI).

A dificuldade de concentração e aprendizagem aparece em outros dois relatos: “Dificuldades vinda com o EaD (como dificuldade de concentração e espaço para estudar) e falta de conhecimento base para algumas matérias.” (HB); “O curso em EAD limita o aprendizado e experiência” (MB).

O ensino remoto também oferece dificuldades ao acesso à materiais de estudo: “Falta de acesso à biblioteca, leitura dos textos obrigatórios das disciplinas.” (MPPI);

[...] estamos no meio dessa pandemia - que além de impactos que todos enfrentamos -, dificulta o acesso a certos textos e livros que eu só teria numa biblioteca... eu gostaria de me reunir pessoalmente com meu orientador, participar de grupos de estudos e leituras coletivas que tenham a ver com meu tema e etc... Esse governo infernal, por último, dificulta ter paz de espírito... (MB).

As dificuldades referentes às questões psicológicas – ressaltadas com maior frequência entre as mulheres brancas - aparecem relacionadas, especialmente, à adaptação ao ambiente (“hostil” e “competitivo”) acadêmico (com destaque para os HPPI) e ao relacionamento com colegas e docentes (destacando-se entre as MPPI). O relato a seguir sintetiza bem as dificuldades encontradas por esse grupo de estudantes: “Várias: trajeto casa-universidade, no começo da graduação tive dificuldade de me adaptar ao ambiente universitário e de fazer amizades e trabalhos em grupo. Muitos textos para ler, trabalhar pra fazer, dificuldade em entender alguns conceitos e disciplinas.” (HPPI).

As dificuldades referentes ao excesso de tarefas estão relacionadas, quase que exclusivamente, à elevada demanda de leitura dos textos por disciplina e são reivindicadas,



principalmente, pelos homens brancos e as mulheres PPI. O que pode ser observado no seguinte relato: “Conciliar com o trabalho devido à carga de leituras.” (HB). Uma estudante retrata a ansiedade provocada pela elevada demanda acadêmica:

A carga de estudo é bastante elevada e os professores não acomodam aos alunos, alguns passando grande quantidade de conteúdo a ser consumida no período de uma semana, desconsiderando outras disciplinas e as vicissitudes do cotidiano. Conseqüentemente, isso me causa forte ansiedade e queda na saúde mental, assim como a outros colegas. Acredito, também, que a acessibilidade ao conteúdo das aulas deveria ser maior - muitos alunos entram na Universidade sem conhecer filósofos ou várias teorias das Ciências, por exemplo, o que foi o meu caso, e alguns professores parecem não estarem aptos para lidar com isso de maneira madura e didática. Porém, entendo que ser um aluno da USP requer sacrifícios e venho fazendo o meu melhor para seguir o padrão imposto pela Universidade. (MB)

O excesso de atividades acumuladas por ter que trabalhar e estudar também pode comprometer o tempo para os cuidados com a saúde dos estudantes: “Conciliar o tempo de trabalho com os estudos e a saúde física e mental.” (HB).

As dificuldades relacionadas às questões financeiras aparecem de forma mais significativa entre os estudantes PPI – 13,7% e 13,6% respectivamente dos HPPI e MPPI, enquanto que entre estudantes brancos as dificuldades financeiras foram apontadas, por 9,2 % dos HB e 6% das MB. É curioso que a maior dificuldade acadêmica das mulheres brancas esteja associada a menores queixas relacionadas às questões financeiras.

As dificuldades financeiras enfrentadas pelos estudantes PPI estão retratadas no seguinte relato:

Todas as dificuldades que enfrentei são e foram relacionadas à dinheiro. Seja falta de dinheiro para pagar o transporte público no período onde o passe livre, seja a falta de dinheiro para comer durante uma viagem de campo. Falta de tempo para realizar as atividades da faculdade por conta de trabalhos informais que realizo para conseguir um dinheiro. (MPPI)

Assim, diante destes dados e relatos, para além do suporte financeiro, acadêmico e psicológico, essenciais para a permanência estudantil, também queremos pensar qual é a importância do currículo como elemento de permanência estudantil. Aqui, com Apple (1982) e Arroyo (2011), estamos pensando o currículo como espaço de disputas políticas entre diferentes projetos de sociedade, no qual revela-se tanto a reprodução da ideologia hegemônica, quanto resistências e contestações. Seja no “currículo manifesto” das instituições educacionais, seja mediante o “currículo oculto”, o que está em jogo são concepções de sociedade, de sujeito, de educação e de ciência. (ARROYO, 2011).

Para Silva (2011), o currículo pode ser visto como um discurso que estabelece *narrativas* sobre o sujeito e a sociedade, mas também constitui e *produz* sujeito e sociedade:



As narrativas contidas no currículo, explícita ou implicitamente, corporificam noções particulares sobre conhecimento, sobre formas de organização da sociedade, sobre os diferentes grupos sociais. Elas dizem qual conhecimento é legítimo e qual é ilegítimo, quais formas de conhecer são válidas e quais não o são, o que é certo e o que é errado, o que é moral e o que é imoral, o que é bom e o que é mau, o que é belo e o que é feio, quais vozes são autorizadas e quais não o são. As narrativas contidas no currículo trazem embutidas noções sobre quais grupos sociais podem representar a si e aos outros e quais grupos sociais podem apenas ser representados ou até mesmo serem totalmente excluídos de qualquer representação. Elas, além disso, representam os diferentes grupos sociais de forma diferente: enquanto as formas de vida e a cultura de alguns grupos são valorizadas e instituídas como cânone, as de outros são desvalorizadas e proscritas. Assim, as narrativas do currículo contam histórias que fixam noções particulares sobre gênero, raça, classe - noções que acabam também nos fixando em posições muito particulares ao longo desses eixos. (SILVA, 2011, p.190).

Se pautando em Foucault, o autor desenvolve a ideia da proximidade entre poder e saber. O poder depende do saber, de conhecer o subordinado, saber implica em dominação e nessa perspectiva o autor aproxima currículo e poder. Pois, para além do currículo representar uma ideologia dominante, “O poder está inscrito no interior do currículo” (SILVA, 2011, p.191) a partir das narrativas que dizem o que é e o que não é conhecimento legítimo, quais são os saberes que serão incluídos e aqueles que serão excluídos; quais são as narrativas sobre gênero, raça, classe, sujeito e sociedade; quem representa e quem é representado; quem é o sujeito da representação e quem é o objeto da representação. (SILVA, 2011).

Aqui, com Stuart Hall, o autor pensa a representação não como algo que está sendo colocado em confronto com um suposto real que pode ser averiguado, “mas em relação a sistemas discursivos constituídos por relações de poder que lhes dão sua credibilidade, seu caráter de verdade e sua sustentação.” (SILVA, 2011, p.193), questionando assim o que as relações de poder estão instituindo como “real” e representável; e quais relações de poder determinam o que é “real”.

Para Silva (2011), questionar o quê e como está sendo representado é uma estratégia central para analisar criticamente o currículo. Desse modo, com o autor indagamos: quais grupos sociais estão sendo representados no conhecimento materializado no currículo do DG-USP? Como são descritos? Como o currículo do DG-USP tem representado as questões de gênero, raça e classe? Quais grupos sociais estão sendo representados como sujeitos e quais são representados como objeto? “De quais pontos de vista são descritos e representados os diferentes grupos sociais? Quais estratégias são utilizadas para fazer passar as representações como "realidade" ou "verdade"?” (SILVA, 2011, p.195).

Adicionando a essas reflexões as proposições de Zago (2006), pensamos: as representações e pedagogias contidas no currículo do DG-USP tem contribuído para o sucesso ou fracasso do novo perfil de estudantes EP/PPI? Tem gerado sentimento de pertencimento ou



exclusão? Representa os novos sujeitos apenas como subalternizados ou aponta alternativas e resistências? E ainda nessa perspectiva, parafraseando Arroyo (2014), indagamos: se há outros sujeitos, necessitamos de novas pedagogias?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o presente momento o nosso trabalho nos permite muito mais multiplicar indagações do que propriamente tirar conclusões.

A adesão da USP, desde 2016, à reserva de vagas para estudantes cotistas pelo SISU ampliou significativamente o ingresso de estudantes pretos e pardos oriundos de escolas; houve também maior ingresso de estudantes com renda familiar de até 5 salários mínimos. Diante desse cenário, a universidade fortaleceu as políticas de permanência estudantil, mas apesar da ampliação do número de estudantes que receberam auxílio no ano de 2021, seguem-se ainda alguns desafios.

Tanto os dados dos questionários da FUVEST, como a pesquisa de Giroto (2017) e os resultados do nosso formulário socioeconômico revelam as mudanças gradativas na composição desse novo perfil de estudantes no DG-USP. Se em 2001 39,2% dos estudantes cursaram todo o ensino médio em escolas públicas, em 2015 eles representavam 49,7% do total de estudantes do DG-USP. O número de estudantes PPI teve aumento mais tímido em sua representatividade no período, de 12,3% em 2001, para 18,7% em 2015. Nesse mesmo período, houve aumento de 16,6% dos estudantes cujas famílias recebiam até 5 salários mínimos e diminuição de 12,3% dos que declararam renda familiar acima de 14 salários mínimos. Essas alterações também vieram acompanhadas de mudanças no que se refere ao grau de instrução dos pais e das mães dos estudantes. Se em 2001 a maior parte deles e delas apresentavam ensino superior completo, em 2015 se destacavam aqueles e aquelas com ensino médio completo. O DG-USP mostrou predominância do sexo masculino durante todo o período estudado. (FUVEST)

Os dados do nosso formulário, aplicado no ano de 2021, corroboram com quase todos os aspectos levantados pela pesquisa de Giroto (2017). A única divergência refere-se à distribuição dos estudantes-trabalhadores por cor. Enquanto que na pesquisa de Giroto (2017) os estudantes PPI representavam o maior número de trabalhadores, a nossa pesquisa revela porcentagens bastante aproximadas entre os estudantes-trabalhadores brancos e PPI.

A maior parte dos estudantes PPI cursaram todo o ensino médio em escolas públicas (58,8%), enquanto que a maior parte dos estudantes brancos o fizeram em escolas privadas



(89%). O perfil de renda também nos revela as disparidades entre os estudantes PPI e os brancos: 71% dos estudantes que recebiam até 1 salário mínimo eram PPI, 23,8% eram brancos; 95,45% dos estudantes que recebiam mais de 15 salários mínimos eram brancos, 4,55% PPI. A mesma discrepância ocorre quanto ao grau de instrução dos pais e mães dos estudantes. Dos estudantes que declararam que suas mães tinham ensino superior completo, 80,2% eram brancos e 16,2% PPI; 82,5% dos estudantes brancos e 15,8% dos PPI declararam que seus pais tinham ensino superior.

Entre as principais dificuldades enfrentadas pelos estudantes, no ano de 2020, foram apontadas aquelas relacionadas à falta de tempo, linguagem acadêmica, ensino remoto devido à pandemia, questões psicológicas, excesso de tarefas acadêmicas e questões financeiras. A falta de tempo e as dificuldades com o ensino remoto se destacam especialmente entre as mulheres PPI; a linguagem acadêmica e as questões financeiras se destacam entre homens e mulheres PPI; as questões psicológicas se despontam mais entre as mulheres brancas; e o excesso de tarefas foi mais problematizado entre os homens brancos.

Desse modo, podemos constatar que a abertura da reserva de vagas para estudantes cotistas, que ingressam pelo SISU, tem alterado significativamente o perfil estudantil no DG-USP. Mais pobres, menos brancos e com dificuldades típicas de estudantes com defasagem no ensino, a constatação dessa realidade nos leva a pensar nas possíveis implicações desse novo perfil de estudantes para a dinâmica político-pedagógica do DG-USP. Como o corpo docente tem recebido esses estudantes em suas aulas? Como encaram suas dificuldades? Suas ementas continuam as mesmas? Como estão sendo pensadas as exigências de leituras em outros idiomas, os prazos de entrega, a carga de leituras? É possível expandir o tempo mínimo para concluir o curso? Existem estratégias para tentar compensar a defasagem de ensino desses estudantes? O que pode ser feito para incluir ao máximo os estudantes-trabalhadores nas atividades extraclasse?

Sabemos que, especialmente no que tange os aspectos financeiros, não cabe ao DG-USP garantir a permanência desses estudantes. No entanto, como destaca Zago (2006), existem outros aspectos que podem contribuir para a permanência estudantil como o êxito acadêmico e o sentimento de pertencimento de grupo que são elementos que podem ser considerados no currículo do curso.



## REFERÊNCIAS

ADUSP. “Descaso da Reitoria com assistência estudantil é destaque em reportagem da TV Globo”. Disponível em: <https://www.adusp.org.br/index.php/defesauni/4142-sp1-each>. Acesso em 26 de Junho de 2021.

AGÊNCIA BRASIL. “Pioneira no debate, USP é última das grandes universidades a adotar cota racial.” Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-08/pioneira-no-debate-usp-e-ultima-das-grandes-universidades-adotar-cota>. Acesso em: 19 de Junho de 2021.

APPLE, Michael. **Ideologia e currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARROYO, Miguel. *Outros sujeitos, Outras pedagogias*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Currículo, território em disputa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BENEDETTI, Amanda C. “Eu vi os menor pegando em arma, pois ceis foram silenciadores: tgi-manifesto contra o epistemicídio preto na geografia da USP. 2019. Trabalho de Graduação Individual (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Com cotas, aulas da USP começam a perder 'brancocentrismo'”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/com-cotas-aulas-da-usp-comecam-a-perder-brancocentrismo.shtml>. Acesso em: 18 de setembro de 2021.

GIROTTI, E.D. **A classe trabalhadora vai à universidade: análise das implicações político-pedagógicas a partir dos dados do departamento de Geografia – USP**. Revista da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (Anpege). p.209-235, V.13, n.20, jan./abr. 2017.

JORNAL DA USP. “USP realiza mudança histórica na seleção de alunos.” Disponível em: <https://jornal.usp.br/especial/usp-realiza-mudanca-historica-na-selecao-de-alunos/>. Acesso em 19 de Junho de 2021.

\_\_\_\_\_. “USP alcança meta de inclusão social em 2020 e tem mais alunos de escolas públicas.”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/usp-alcanca-meta-de-inclusao-social-em-2020-e-tem-mais-alunos-de-escolas-publicas/>. Acesso em: 18 de Setembro de 2021.

\_\_\_\_\_. “USP concede quase 24 mil benefícios a estudantes com necessidades socioeconômicas em 2021”. Disponível em: <https://jornal.usp.br/institucional/usp-concede-quase-24-mil-beneficios-a-estudantes-com-necessidades-socioeconomicas-em-2021/>. Acesso em: 11 de Setembro de 2021.

JORNAL DO CAMPUS. “Os estudantes da USP têm fome”. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2021/05/os-estudantes-da-usp-tem-fome/>. Acesso em 26 de Junho de 2021.

PIOTTO, Débora Cristina; NOGUEIRA, Maria Alice. **Incluindo quem? Um exame de indicadores socioeconômicos do Programa de Inclusão Social da USP**. Disponível em:



[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022016000300625](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000300625): Acesso em 13 de outubro de 2018.

SEADE. Retratos de São Paulo. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/retratosdesp/view/index.php?indId=5&temaId=1&locId=1000>. Acesso em: 23 de Junho de 2021.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 9ªed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011. p.185-201.

PORTAL USP SÃO CARLOS. “Em 2021, USP tem mais de 50% de alunos ingressantes vindos de escolas públicas.” Disponível em: <http://www.saocarlos.usp.br/em-2021-usp-tem-mais-de-50-de-alunos-ingressantes-vindos-de-escolas-publicas%E2%80%8B/>. Acesso em: 19 de Junho de 2021.

UOL. “Em mudança histórica, a maioria dos ingressantes na USP é de escola pública.” Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/agencia-estado/2021/06/06/em-mudanca-historica-a-maioria-dos-ingressantes-na-usp-e-de-escola-publica.htm>. Acesso em: 21 de Junho de 2021.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: editora Unesp, 2011.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares camadas populares. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 11, n. 32, p. 226-370, ago. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf>>. Acesso em: 3 maio 2018.